

# **77.ª ROMAGEM AO TÚMULO DO SOLDADO DESCONHECIDO E 95.º ANIVERSÁRIO DA BATALHA DE LA LYS**

**06 de abril de 2013**

GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor General Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas.  
Temos hoje a honra de ter V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> a presidir a esta significativa e histórica cerimónia e simultaneamente ser a entidade convidada para proferir a oração tradicional junto ao túmulo do soldado desconhecido.

Permita-me que agradeça a sua imediata disponibilidade para o efeito, bem como toda a compreensão e apoio que tem prestado à Liga dos Combatentes e combatentes em geral, enquanto CEMGFA.

Exmo. Senhor Secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional, em representação de S. Exa. o MDN, agradeço a V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> estar mais uma vez neste dia com os combatentes.

Permita-me que assinalemos e nos regozijemos com a decisão recentemente tomada por V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> de manter os apoios idênticos ao ano transato às instituições sociais tuteladas pelo MDN.

Exmo. Senhor Presidente da CM da Batalha  
Exmo. Senhor Almirante Chefe de Estado-maior da Armada  
Exmo. Senhor General Chefe de Estado-maior da Força Aérea  
Exmo. Senhor General Chefe de Estado-maior do Exército  
Exmo. Senhor Representante do General Comandante da GNR  
Exmo. Senhor Representante do Diretor Nacional da PSP

O nosso profundo agradecimento pela vossa presença e pelos apoios prestados à Liga dos Combatentes e aos combatentes.

Exmo. Senhor Presidente da CM de Leiria  
Exmos. Senhores Generais e Almirantes e Diretores-Gerais  
Senhor Bispo das Forças Armadas e de Segurança Ex<sup>a</sup> Reverendíssima  
Exmos Senhores Adidos de Defesa de Países Amigos  
Exmo. Senhor Diretor do Mosteiro da Batalha

Exmos Senhores Presidentes de Associações de Combatentes, das Associações Profissionais das Forças Armadas, dos Núcleos da Liga dos Combatentes, da Souvenir Français e Royal British Legion

Exmas. Entidades Cívicas, Militares e Religiosas

Ilustres Convidados

Caros Combatentes

Seja-me permitida hoje uma primeira palavra para sua Ex<sup>a</sup> Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança D. Januário Torgal Ferreira que hoje pela última vez nessas funções, nos acompanha nestas cerimónias evocativas. Fê-lo durante vinte anos na Batalha e noutras cerimónias, bem como no apoio direto aos combatentes e suas famílias em momentos difíceis. Aqui deixamos a homenagem pública dos combatentes no respeito e admiração pela sua personalidade, pelo seu carisma, frontalidade e liberdade de pensamento e ação.

Minhas senhoras e Meus Senhores

Evocamos hoje o 9 de Abril, o Dia Nacional do Combatente. Ao longo de décadas, Presidentes da República, Primeiros- Ministros, Ministros da Defesa Nacional, Secretários de Estado da Defesa Nacional e Generais Chefes de Estado Maior General das Forças Armadas, presidiram a esta cerimónia de carácter nacional, homenageando neste simbólico dia, essa simbólica e abrangente figura do Combatente. Igualmente, com mesmo simbolismo evocativo do Dia do Combatente, aqui se têm deslocado as mais distintas figuras do país para, na sala do capítulo, perante o túmulo do soldado desconhecido, proferirem a oração fundamental destas nossas cerimónias.

Convidámos no corrente ano e teremos hoje para proferir essa alocução, como já referi, o Exmo. General Esteves Araújo ilustre Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas a quem agradecemos mais uma vez. Aqui vimos há dezenas e dezenas de anos por iniciativa da Liga dos Combatentes a que se juntaram novas Associações de Combatentes, nomeadamente após resolução conjunta em que foram acordados como dias a evocar pelos Combatentes, o dia 9 de Abril, o dia 10 de Junho e o dia 11 de Novembro.

É em representação da Liga dos Combatentes e dessas Associações de Combatentes que então se nos juntaram que aqui estamos mais uma vez celebrando o Dia do Combatente. Celebração que faremos de uma forma abrangente em dois patamares históricos e no segundo patamar sublinhando três momentos. No primeiro patamar histórico evoco o soldado português conhecido

ou anónimo que do século XII ao século XIX se identifica com as palavras de Mouzinho de Albuquerque, também ele com um monumento em sua homenagem nesta praça, quando afirma que Portugal é obra de soldados. Com eles evoco todos os tempos difíceis por que passámos, os momentos em que ganhámos a independência ou restaurámos a independência perdida, como em Ourique, Aljubarrota ou 1 de dezembro 1640. Datas suficientemente avocadas pelas forças armadas e outras organizações nacionais. No segundo patamar histórico evoco o soldado contemporâneo do século XX e XXI em três tempos e circunstâncias:

- Os que se bateram na IGG em África e em França
- Os que se bateram na Guerra do Ultramar
- Os que se bateram e batem nas Operações de Paz e Humanitárias

Relativamente aos que se bateram na Grande Guerra e que para nós, também antigos combatentes, são exemplo e memória perene, sente a Liga dos Combatentes que tem sido e será sempre, da sua responsabilidade primária que essa memória se tenha conservado e se continue a conservar, a ponto de nos trazer aqui anualmente evocando o 9 de Abril. Data não de uma derrota dos portugueses, como por vezes é apresentada, mas de um sacrifício extremo, em circunstâncias extremas, que contribuiu para a vitória das forças aliadas alguns meses depois.

Então 110.000 homens de seis divisões completas, formando duas colunas do ataque, lançaram-se sobre uma incompleta e desfalcada Divisão Portuguesa com 21.061 homens. A desproporção era de cinco para um, bem superior ao três para um necessário para o sucesso de qualquer ofensiva, mas no dia seguinte, a fúria da resistência até ao limite das energias físicas ou ao consumo total das munições verificava-se em locais a partir de então históricos, como *Red House*, *Fauquissart*, *Huit-Maisons*, *Richebourg* e no lendário *Lacouture*. A rotura da frente, como em qualquer ofensiva bem planeada verificou-se mas o esforço português contribuiu decisivamente para a vitória aliada em Novembro de 1918. Aproximamo-nos do centenário dos acontecimentos e a Liga dos Combatentes celebrá-lo-á e dará todo o seu apoio às cerimónias que irão decorrer a nível nacional.

A grande guerra foi um fenómeno mundial e dramático que mudou o mundo e a única grande guerra da sua história, em que Portugal esteve envolvido, mas felizmente na defesa da liberdade e da democracia. Evocamos há décadas, com o reconhecimento público que atrás foi assinalado, bem como com o apoio explícito dos chefes de estado- maior das Forças Armadas, o 9 de Abril como dia do Combatente e continuaremos a fazê-lo como é tradição. Dia em que evocamos especialmente todos os Soldados Desconhecidos de Portugal. Bem merece pois o 9 de Abril, tradicionalmente reconhecido como o Dia do Combatente, ver esse

reconhecimento nacional homologado pela Assembleia da República, precisamente quando, no corrente ano, se comemoram os 95 anos do fim da Grande Guerra e nos preparamos para a evocação do centenário do seu início.

O segundo tempo que atrás referenciei diz respeito ao nosso tempo. Ao tempo dos que se bateram na Guerra do Ultramar receberam o bastão dos que vindos da Grande Guerra se constituíram em Misericórdia dos combatentes e famílias mais débeis e carenciadas e, como aqueles, lutam em permanência pelo cultivo dos valores, da solidariedade e do apoio mútuo. Connosco o Humanismo e a solidariedade são como sempre foram, as nossas bandeiras e se como alguns afirmam “ a Europa morreu em Chipre” às mãos de capitalismo desenfreado, nós continuaremos vivos na manutenção de um ideal social e na procura dos meios financeiros capazes de sustentar o apoio a combatentes e famílias de deficientes ou carenciados.

Disse o Papa Francisco “ sem Cristo a Igreja transformar-se-ia numa ONG benfeitora”. Inspirando-nos nesse pensamento, diremos que sem o culto dos Valores e sem a prática da solidariedade a Liga dos Combatentes transformar-se-ia numa ONG sem benfeitores. Esses homens que aqui conseguem vir hoje e representam os milhares de outros que gostariam de aqui poder estar e não estão pelas mais diversas circunstâncias, nomeadamente as circunstâncias em que vivemos, bem merecem ser enaltecidos, respeitados e apoiados, pois para além de assumirem as responsabilidades inerentes a um dever cumprido, honram com a sua presença a memória dos que caíram e fortalecem os laços históricos a manter entre o passado o presente e o futuro. Presente e futuro. São estas duas gerações, destes dois tempos, que aqui estão hoje.

Mas permitam-me que sublinhe desde já a primeira. A que viveu o tempo e as consequências da II guerra mundial, com as restrições económico financeiras e de segurança nacional e europeia de então, aquela a quem mais tarde foi decidido e exigido politicamente que se batesse durante vinte anos em quatro frentes de conflito armado, de 1954 na Índia a 1974 em África, no maior teatro de operações e logístico de que há memória, num pequeno país europeu; geração que viria a ser decisiva no findar da guerra em África e na construção da democracia; que viveu e ultrapassou o chamado Processo Revolucionário em Curso e que hoje se vê confrontada novamente com outra verdadeira revolução dentro e fora das fronteiras e que não deveria ver criadas condições para se interrogar se valeram a pena ou não, os sacrifícios sucessivos que lhe foram solicitados, ao longo das suas vidas na defesa dos interesses superiores do país.

Hoje, que os três D's (Desenvolvimento, Democracia e Descolonização) se transformaram em três D's com outro dramático significado (Dívida, Desemprego

e Deficit) importa apelar a todas as nossas forças morais para que sejam suficientemente fortes, como fator multiplicador das forças materiais e encontrem o caminho a percorrer, recuperando como objetivos nacionais os dois D's do 25 de Abril, (Desenvolvimento e Democracia) e lhe juntem um novo D de Determinação, na Defesa do Portugal euro atlântico, como país soberano, independente e livre ao serviço dos portugueses.

Finalmente o terceiro momento do segundo patamar histórico que referenciei diz respeito aos milhares de portugueses que, em Forças Nacionais Destacadas, cumpriram e cumprem missões das Forças Armadas Portuguesas, do maior relevo para os interesses superiores do país. Fazem-no na prossecução de uma missão histórica ancestral.

O que foram senão Forças Nacionais Destacadas a epopeia dos descobrimentos no séc. XV e XVI?

O que foram senão Forças Nacionais Destacadas as que nos séc. XVII a XIX chegaram a Inglaterra, França, a Madrid e mesmo à Rússia?

O que foram senão Forças Nacionais Destacadas as que no séc. XX se bateram no centro da Europa e em África na IGG, e posteriormente na Índia e na Guerra do Ultramar?

Bateram-se tal como se bateram ou batem hoje no Kosovo, Iraque, Afeganistão ou Somália as Forças Nacionais Destacadas.

Assinalável constante histórica que faz parte não só do Conceito Estratégico de hoje, mas está na nossa própria razão de existir e é elemento da nossa própria idiossincrasia.

É dessa predestinação histórica que resulta o facto de nos sentirmos bem ao admitirmos que somos, como sempre fomos coprodutores de segurança nacional e internacional.

Assim tem sido a nossa longa história numa sinusoide de sucessos e de retrocessos. Quantas vezes Portugal renasceu das cinzas de cabeça erguida. Algumas vezes pareceu que à Pátria alguns a queriam ver vendida.

Simplesmente a Pátria, sempre que necessitou de ser dia a dia renascida, renasceu!

Ainda não houve português algum que tivesse morrido e morresse com a Pátria.

Termino pois com um poema exultando a esse permanente renascimento perante aqueles que ao longo da nossa história não acreditaram nela e mesmo sendo grandes acreditaram que morreriam, mas morreriam com ela.

*PÁTRIA DIA A DIA RENASCIDA*

*Se a Pátria está à venda  
Só há uma forma de o fazer  
É vendê-la hora a hora  
A cada criança que nascer*

*Sim Pátria! Só há uma forma de o fazer  
Se te querem ver vendida  
É ensinar-te dia a dia  
A cada criança nascida*

*É ensinar-te dia a dia  
Ao Exército assim formado  
Para que lute por ti Pátria  
Com pena, gládio e arado*

*E cada criança que nascer  
Receberá de cada criança nascida  
Uma Pátria dia a dia a renascer  
Dos que a querem ver vendida.*

Vivam os combatentes por Portugal  
VIVA PORTUGAL!